

O JORNAL A FARPA NO CONTEXTO POLÍTICO DE O RETRATO, DE ERICO VERISSIMO

Marcio Miranda ALVES¹

RESUMO: Partindo-se do pressuposto de que a luta política está no centro do eixo histórico de *O tempo e o vento*, analisa-se a participação do jornal fictício *A Farpa*, no contexto de disputas políticas em *O retrato*, segunda parte da trilogia de Erico Verissimo. Fundada pelo personagem Rodrigo Cambará para divulgar a campanha do candidato civilista Rui Barbosa nas eleições presidenciais de 1910, *A Farpa* é uma importante arma nas mãos de um jovem em busca de poder. Para além de uma análise sobre a representação literária de conflitos sociopolíticos no Rio Grande do Sul e no Brasil no início do século XX, essa reflexão também procura ressaltar a participação da materialidade dos jornais – reais ou fictícios – no processo de criação literária.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa política. Literatura brasileira. Erico Verissimo. História.

Breve introdução

Fresnot (1997, p. 32) já mostrou de forma convincente que a representação da luta política consiste na “preocupação básica de Erico Verissimo”. Esse é o tema central da maioria dos episódios da trilogia *O tempo e o vento*, tanto os do passado remoto quanto os do passado recente em relação ao momento

¹ Doutor em Letras pela USP. Bolsista Capes de Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS). *Email:* mirandaalvesm@gmail.com.

da escrita – anos de 1940 e 1950. Partindo desse pressuposto, de que uma narrativa de ficção sobre a formação da sociedade gaúcha e brasileira não pode se esquivar dos meandros da política, nada mais natural que nesse quadro também esteja contemplado o jornalismo político de combate, meio amplamente usado pelas correntes ideológico-partidárias desde a segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do XX.

No episódio “Chantecler”, de *O retrato*, segunda parte da trilogia, encontra-se uma síntese do funcionamento desse tipo de imprensa. Os eventos políticos da época são reconstruídos com o apoio do conteúdo de jornais, seja nos recortes de notícias verídicas publicadas na imprensa gaúcha ou na representação do universo jornalístico. Além das notícias lidas por Rodrigo Cambará no *Correio do Povo*, o personagem cria o seu próprio jornal, *A Farpa*, com o objetivo de apoiar o candidato Rui Barbosa na eleição presidencial de 1910 e de confrontar o *A Voz da Serra*, do redator Amintas Camacho, partidário de Hermes da Fonseca.

É possível, a partir desse contexto formado por jornais reais e fictícios, jornalistas e tipógrafos de ocasião não apenas conhecer aspectos decisivos da participação das folhas noticiosas no tecido social representado no romance, como também destacar a importância de um recurso ainda pouco estudado na obra de Erico Verissimo e na literatura brasileira em geral, que trata especificamente do uso de registros histórico tirados das folhas de jornais como elemento de apoio para a criação literária.

O propósito de uma análise nesse sentido, importante ressaltar, não é identificar verdades históricas na materialidade da ficção. Embora seja possível fazer uma comparação entre o conteúdo dos jornais consultados pelo escritor e o resultado alcançado na narrativa, o objetivo maior deste artigo é apontar a verossimilhança dos fatos históricos no romance, sem perder de vista o jornal enquanto fonte e representação.

O contexto político

Situado temporalmente em 1909/1910, o episódio “Chantecler” apresenta a família Cambará em uma situação de oposição ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), após ter participado das campanhas abolicionista e de implantação da República e de ter lutado ao lado dos republicanos na Revolução Federalista.

O protagonista Rodrigo Cambará retorna a Santa Fé formado em Medicina e cheio de planos humanitários.² Influenciado pelos autores franceses, com os quais teve contato em Porto Alegre, discursa sobre conceitos de igualdade e fraternidade e abre um consultório para atender gratuitamente os menos favorecidos. Também está entusiasmado com a ideia de poder contribuir para o progresso da cidade e imagina um lugar mais moderno e aberto aos novos modelos culturais. Assim que chega a Santa Fé, Rodrigo recebe a visita de Amintas Camacho. Como subalterno do intendente republicano Aristiliano Trindade, que financia o jornal de Santa Fé, Camacho procura sondar sobre a inclinação política do jovem médico em relação aos candidatos à presidência da República.

A partir desse encontro os destinos de Rodrigo e Amintas Camacho cruzam-se diversas vezes no romance até 1930, sempre enroscados em desavenças políticas, cujas armas de persuasão são os artigos de jornais. A relação de combate entre os dois personagens, na tentativa de fazer prevalecer determinado discurso ideológico, enfatiza a impossibilidade de se fazer política sem o emprego do jornal e de se fazer jornal sem a interferência da política.

Irritado com o motivo da visita, e ansioso para entrar na campanha, Rodrigo Cambará procura convencer o pai Licurgo a fundar um jornal para divulgar a plataforma de Rui Barbosa em Santa Fé. O próprio Licurgo conta

2 O personagem enquadra-se no perfil característico de toda a oligarquia agrária brasileira: o bacharelismo. Em vez de enviarem os filhos a escolas técnicas e agrícolas, os fazendeiros preferem fazer dos filhos doutores. A elite representativa do Brasil é, portanto, formada nas faculdades de Direito e de Medicina, reproduzindo na República o quadro existente no Império (CARONE, 1975, p. 157).

que os federalistas pretendem abrir um jornal em Cruz Alta para divulgar as propostas do candidato civilista, mas não acredita que um jornal possa levar os eleitores a mudarem de opinião. “Não se iluda meu filho. Nenhum jornal tem essa força” (VERISSIMO, 1956a, p. 302).³ Enquanto o projeto de *A Farpa* não avança, Rodrigo acompanha as notícias da campanha por meio da leitura dos jornais de Porto Alegre.

Com um maço de exemplares do *Correio do Povo* apanhados na estação, Rodrigo começa a leitura pelos números mais atrasados, concentrando-se nos assuntos da política. À mesa do jantar, após ter feito uma leitura prévia e assinalado as principais notícias, Rodrigo lê para os familiares alguns pontos da plataforma de Rui Barbosa. O trecho é longo, mas imprescindível para a compreensão da argumentação.

Escutem: Sua profissão de fé foi um rebate de perigo à volta do terror militar que originou a Convenção de Agosto, a qual desprezou tudo, estabelecendo como seu objeto exclusivo um movimento de reação contra o militarismo renascente, sendo o programa da atualidade a consolidação da ordem civil.

Licurgo escutava, de testa franzida. Fandango aproximara-se mais de Rodrigo, a boca entreaberta, a mão posta em concha atrás da orelha.

– *Preconiza a necessidade da reforma da Constituição. Declara-se infenso ao intervencionismo do presidente da República nos Estados.*

– Muito bem! – exclamou Licurgo.

– *Propõe o melhoramento do ensino secundário, a remodelação do ensino jurídico, etc... e tal... esta parte não interessa muito... agora deixem ver onde está um trecho de escachar... ta-ta-ta – combate a publicidade de voto a descoberto, que representa a intimidação e o suborno... não é isso... ah! Aqui está.*

Aproximou mais a cadeira da mesa.

– *Referindo-se ao exército e à armada, lembra os serviços que lhe prestou em 95 e 98...*

– Eu me lembro muito bem – resmungou Licurgo.

³ As próximas referências de *O retrato* serão identificadas com o ano da edição e página, sendo 1956a para o volume 1 e 1956b para o volume 2.

– Entretanto, a sua estima por elas não é um vil sentimento de ambiciosos e sicofantas da força. Acrescenta que essa estima é um sentimento veraz e livre de patriota e que está na mesma proporção do horror que lhe inspira o militarismo.

[...]

– Diz ver na candidatura militar banidas a organização, a disciplina, a legalidade. – Neste ponto Rodrigo não estava mais a ler um comentário de jornal para membros de sua família, mas sim no alto duma tribuna, a falar às massas. Diz-que sua plataforma é o grito duma consciência, a síntese duma carreira, o eco da vida e o perfil dum homem que apela para as forças populares e para os elementos nacionais da opinião, ao passo que o Dr. Nilo Peçanha traz a seu lado a reação oficial que apoia um sinistro cortejo de violências odiosas que compra consciências pela derrubada administrativa, pela insolência policial, que intimida a imprensa, que derrama sangue em Barbacena, que ameaça com mazorcas, com carrancas de estado de sítio, com bravatas de vitória da candidatura marechalícia, seja como for, aconteça o que acontecer, custe o que custar.

[...]

– Dinda, este é o nosso homem, o nosso candidato. Se o Brasil não eleger Rui Barbosa a primeiro de março, então tudo estará perdido, o país cairá nas mãos dos militares e a república de Castilhos será transformada numa ditadura nefasta.

Licurgo sacudia a cabeça afirmativamente.

– Chô égua! – disse Fandango. – Quem proclamou a república não foi um milico? (VERISSIMO, 1956a, p. 310-311, grifos do original)

Nesse trecho, o narrador/leitor procura apresentar os principais pontos da plataforma partidária de Rui Barbosa, como a reforma da Constituição, melhoria no sistema educacional e o voto secreto. Reproduz também os ataques mais fortes do candidato opositor contra a intervenção do presidente da República nos Estados e a intimidação da imprensa, os quais visam associar a candidatura militar ao “horror”.

Essas informações têm origem no jornal *Correio do Povo* de janeiro e fevereiro de 1910. Ao longo desses dois meses o jornal publica as plataformas

dos dois candidatos à Presidência sob o título de “Candidaturas Presidenciais”. A primeira referência à plataforma de Rui Barbosa aparece no dia 20, com o subtítulo “Discurso proferido pelo Senador Ruy Barbosa” (BARBOSA, 1910, p. 1). As propostas do candidato civilista são transcritas também nas edições dos dias 29 e 30 de janeiro e 1 e 2 de fevereiro.

Para provocar maior vivacidade dramática, o narrador expõe o conteúdo histórico de uma forma direta por meio da leitura de Rodrigo. A seleção dos trechos mais importantes da plataforma, citados na voz do protagonista, reproduz a partir de registros discursivos da realidade os sentimentos e reações da mesma maneira que poderiam ter se manifestado na vida real. Esse recurso, que se repete ao longo da trilogia, sempre apoiado na materialidade do jornal, intensifica a dramaticidade da ação e cria um efeito de verdade para o fato narrado, aumentando a credibilidade do discurso ficcional para o leitor.

Dessa forma, as palavras proferidas por Rui Barbosa, mesmo chegando a Santa Fé com vários dias de atraso pelas páginas dos jornais, funcionam como componente deflagrador das ações da família Cambará, que se sente motivada por elas para entrar na campanha. Os comentários de Licurgo a cada pausa na leitura aumentam a empolgação do locutor, que se comporta como se fosse o próprio candidato. Ao mesmo tempo em que orienta as ações no campo ficcional, a reprodução desses extratos da imprensa escrita permite ao leitor acompanhar as ideias e posicionamentos ideológicos da época. Ele passa a perceber, no comportamento dos personagens da ficção, algo semelhante ao que observa Capelato (1988, p. 34) em relação aos grupos ligados à imprensa. Segundo a autora, “a análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados”.

A participação dos militares no contexto ficcional merece maior análise. Embora incorpore o discurso civilista de rejeição aos militares, Licurgo Cambará mantém uma amizade estreita com o coronel Jairo Bittencourt, frequentador

do Sobrado e o principal responsável por evitar que o embate entre os Cambará e o intendente resulte em confrontos mais sérios. “É um homem de bem – concordou Licurgo, acrescentando: – Pena ser militar” (1956a, p. 118). Outro militar, tenente Rubim Veloso, também passa a frequentar os serões promovidos por Rodrigo no Sobrado. Ou seja, a família condena a participação militar na política e encara com desconfiança os homens de farda, mas recebe em casa os mais altos representantes do Exército destacados em Santa Fé.

E por que os militares se aproximariam dos Cambará, sabendo que estes fazem oposição ao intendente, por sua vez protegido de Carlos Barbosa Gonçalves, então presidente do Estado, e ao próprio Exército? Certamente isso não ocorre por acaso ou por falta de conhecimento do escritor em relação à configuração histórica, mas, ao contrário, mostra justamente a preocupação de Erico Verissimo no trato das contradições do sistema político, centradas no comportamento da família Cambará. Essa relação evidencia que as posições partidárias e ideológicas nem sempre são estáticas, variando conforme interesses nem sempre muito claros.⁴

Mesmo aparentando estar distante das discussões, assumindo sua condição de peão pouco instruído, o personagem Fandango pouco se manifesta, mas quando fala vai direto ao cerne da questão. Sua pergunta “Quem proclamou a república não foi um milico?” fica sem resposta por parte dos outros interlocutores, mas o silêncio confirma a incredulidade e a incompreensão do homem comum frente aos rumos da política. Afinal, 25 anos antes, quando Fandango defendia o monarca e questionava a eficácia da campanha abolicionista, todos pediam o fim da Monarquia e a implantação da República.⁵ Agora, voltam-se

4 No caso do romance, a postura da família Cambará revela-se por completo somente por ocasião da eclosão da Revolução de 1930, quando Rodrigo conspira a favor dos revolucionários e assume um cargo importante no governo de Getúlio Vargas.

5 Importante complementar o pensamento de Fandango nesse momento da trama: “E de que serviu a abolição? Os negros agarraram a carta de alforria, se deitaram a dormir e não quiseram fazer mais nada. Andam agora por aí, com uma mão adiante e outra atrás. Nos tempos da escravatura não havia crioulo que não tivesse seu patacão no bolso. Hoje, chô mico!, estão despilchados que nem rato de igreja. E

contra os que promoveram a desejada mudança. No futuro, estarão novamente no lado oposto. Como resposta à provocação de Fandango, Rodrigo prossegue a leitura do jornal.

– Agora vejam esta beleza – continuou Rodrigo. – *Rio 16 – O “Correio da Manhã” publicou hoje um violento artigo editorial de ataque ao Marechal Hermes da Fonseca. Diz esse jornal que a candidatura do Marechal tem o aspecto criminoso e repulsivo de um conluio entre uma parte do exército e os politíqueiros mais torpes e ladrões do país, a começar pelo Senador Silvério Nery. Acrescenta o “Correio da Manhã” que na consciência entorpecida do Marechal Hermes não há sequer um movimento de revolta contra o ultraje que lhe atiram os monarquistas, os quais aderem à sua candidatura pela certeza em que estão de que ele trairá a República.*

– Apoiado! – exclamou Licurgo. – É o que eu vivo dizendo: os monarquistas vão aproveitar a ocasião pra puxar brasa pra sua sardinha. Ah! Se o Dr. Júlio de Castilhos estivesse vivo, a coisa mudava de figura.

– *Diz ainda a mesma folha que é tal a impopularidade do Marechal Hermes, que ele não é capaz de passar pela avenida Central e pela rua do Ouvidor, depois das 5 da tarde com medo de ser vaiado.* (VERISSIMO, 1956a, p. 311-12, grifos do original)

O trecho lido por Rodrigo resume parte do discurso de combate dos civilistas, os quais procuram atacar a integridade pessoal de Hermes da Fonseca e associar a sua eventual eleição à possibilidade de retorno da Monarquia. A preocupação com a ameaça à manutenção do sistema de governo é apenas mais um argumento adotado pelos Cambará para justificar a dissidência do PRR e o confronto com o mandatário local. Ao procurar as frases que mais os convêm nas entrelinhas dos artigos, Rodrigo busca legitimar, com a aprovação do pai, as medidas necessárias para confrontar o coronel nas eleições. Ele prega um discurso voltado ao interesse da coletividade, em que a assistência aos mais carentes e a melhoria de qualidade de vida dos habitantes seria o

apesar de tudo, negro continua sendo o que sempre foi: negro” (1956a, p. 144).

mais importante, mas ao mesmo tempo comporta-se como os líderes locais, usando das armas que dispõe para intimidar seus adversários.

O jornal *A Farpa* no centro do conflito

Após ler a notícia da presença do Marechal Hermes da Fonseca em Porto Alegre, Rodrigo convoca o amigo e pintor Don Pepe García para comandar as oficinas do jornal *A Farpa*.⁶ Don Pepe já havia trabalhado com uma tipografia em um periódico anarquista, publicado clandestinamente em Bilbao, na Espanha, segundo ele afirma. A ideia é preparar o terreno para a visita do candidato a Santa Fé, prevista para o dia 19. Aproveitando a ocasião, Rodrigo também pensa em, além de desmascarar e humilhar os que detêm o poder político local, “arrasar com a *Compagnie Auxiliaire*” (VERISSIMO, 1956a, p. 316), empresa de transportes responsável pelos danos causados em um de seus discos de Enrico Caruso durante o transporte de Porto Alegre a Santa Fé.

No primeiro artigo, intitulado “Perfil de um tirano”, Rodrigo Cambará deixa claro que o embate se dará no plano das ofensas pessoais e não das ideias. Antes da publicação, o jovem médico submete o texto à aprovação do pai. Temendo que *A Voz da Serra* devolva os ataques e torne público o seu envolvimento com a amásia Ismália Caré, Licurgo posiciona-se contra a publicação do editorial. “O seu jornal deve ser um jornal de princípios e não de ataques pessoais. Não provoque os outros sem necessidade. Critique as pessoas quando elas procederem mal. Mas deixe a vida particular do indivíduo de lado” (VERISSIMO, 1956a, p. 333).

6 Rodrigo Cambará não justifica o porquê da escolha do nome de *A Farpa* para o seu jornal de combate. Acredito que Erico Verissimo tenha pesquisado em livros ou catálogos sobre a imprensa gaúcha para escolher esse título. Ferreira (1962, p. 147-8) catalogou *A Farpa* como uma publicação caricata, surgida em Porto Alegre no dia 8 de abril de 1897, sob a direção de Henrique Vieira e Teófilo Chateigner, e que durou “três anos e tanto”. Outra hipótese é que o escritor tenha se inspirado em *As Farpas*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, autores que ele bem conhecia.

A despeito das recomendações do pai, Rodrigo não encontra sentido numa folha cordial. “Como era possível fazer um jornal vibrante sem ataques pessoais?” (1956a, p. 333). Ele chega a iniciar um texto mais comedido,⁷ mas acaba sendo influenciado pelos pedidos de mais “pasi3n” do amigo Pepe. “Hay que agitar! Sin pasi3n no se puede hacer nada” (1956a, p. 335). Para preencher as p3ginas, Rodrigo inclui um editorial de apresenta3o e transcri3es de trechos do livro *Can3es sem metro*, de Raul Pomp3ia; um poema de Guerra Junqueiro sobre Hist3ria; uma pequena f3bula de Coelho Neto; vers3culos de *Assim falava Zaratustra*; um artigo doutrin3rio intitulado *O verdadeiro conceito de democracia* e uma p3gina humor3stica em que, sob o pseud3nimo de “Fra Diavolo”, ridiculariza o jornalista Amintas Camacho e o intendente de Santa F3.

O editorial traz o seguinte conte3do:

Surge “A Farpa” 3 luz da publicidade num dos momentos mais dram3ticos da hist3ria da nacionalidade brasileira. Diremos sem eufemismos ou meias palavras que este hebdomad3rio se prop3e, antes de mais nada, ser a livre tribuna dos oprimidos contra os opressores, da justi3a contra o arb3trio, do direito contra a for3a, da fraternidade contra o banditismo. Isto vale dizer que “A Farpa” 3 um jornal de oposi3o, uma bandarilha colorida e agu3ada a espica3ar constantemente os flancos do touro cruel e brutal do situacionismo! [...]

Santa F3, onde h3 tantos anos a liberdade tem sido amorda3ada, o direito espezinhado e a justi3a broncamente substitu3da pelo mandonismo, ter3 neste seman3rio pol3tico e liter3rio uma voz corajosa, clara e candente, a clamar pelos direitos dos espoliados e pelas reivindica3es dos desprotegidos da sorte. Fiel aos princ3pios do mais puro republicanismo, “A Farpa” pugnar3 na presente campanha presidencial pela candidatura civilista, recomendando o grande, o imenso, o imortal

⁷ “A Farpa” n3o foi fundada para ofender quem quer que seja. Nossos objetivos s3o os mais elevados. De resto, como poder3amos n3s censurar os que nos atacam em nossa f3 pol3tica, se n3s mesmos n3o respeitamos as convic3es alheias? Este seman3rio pretende manter-se no n3vel superior do bom jornalismo e jamais descer3 ao terreno mesquinho e lamacento das retalia3es pessoais. Ser3, antes de mais nada, uma tribuna limpa e justa, sempre aberta aos que tiverem fome e sede de justi3a (1956a, p. 334).

Rui Barbosa, o gênio da raça, ao eleitorado livre de Santa Fé, do Rio Grande e do Brasil! [...]

E hoje aí está ele, o malacara cínico, empoleirado na cadeira de intendente, como um reizinho num trono, César de paródia, Napoleão de opereta. Pensará o sátrapa que se sumiram da face da terra os homens de coragem, inteligência e dignidade? (VERISSIMO, 1956a, p. 330-31-32, grifos do original)

Com esse conteúdo recheado de violência verbal, o jornal de Rodrigo Cambará acentua a permanência de práticas antigas de intimidação na forma escrita, justamente num período marcado pela substituição de coronéis belicosos por caudilhos letrados. Partindo da tese de Bordini (2004, p. 108), segundo a qual, em *O retrato*, Erico Verissimo procura representar o momento de transição entre uma sociedade rural, cujo direito aos campos é adquirido pela lei da força, e um regime burguês centrado nas atividades urbanas, no qual “o burguês típico não é um guerreiro, mas um homem doméstico”, percebe-se que Rodrigo Cambará oscila entre esses dois mundos como um herdeiro do regime oligárquico. As atitudes do protagonista evidenciam que a postura agressiva dos antigos ainda não foi totalmente superada.

Como Don Pepe não dá conta sozinho da tarefa de montar o jornal, Rodrigo procura ajuda de um segundo tipógrafo, um “mulato” que já havia sido ameaçado pelo coronel caso aceitasse trabalhar para *A Farpa*. O homem faz de tudo para escapar, mas Rodrigo saca uma arma e dispara a seguinte frase: “– Estamos num país livre, onde cada qual faz o que bem entende. E você vai trabalhar por bem ou por mal” (1956a, p. 337). Após a distribuição do jornal, Rodrigo ainda procura novas justificativas para a desobediência ao pai e a provocação ao situacionismo. Reflete: “prezados leitores d’*A Farpa*, é necessário que os bons sejam também fortes e tenham a coragem de ser violentos e até cruéis quando essa violência e essa crueldade forem necessárias para o bem-estar da comunidade!” (1956a, p. 343).

Esses episódios que envolvem o processo de feitura do jornal de Rodrigo Cambará, incluindo a distribuição, realizada por homens armados na calada

da noite, sinalizam que o momento histórico não manifesta uma ascensão da opinião pública, tal qual já se observa em regiões urbanas da época. Rodrigo busca no jornal um meio para a difusão de novas ideias, mas a sua folha não contribui em nada para a formação de um espaço público de discussão. A pena jornalística do redator ocasional funciona apenas como mais um instrumento de intimidação e provocação, pelo qual se procura colocar em dúvida o caráter dos representantes do governo de situação. Debate sobre as plataformas eleitorais ou questionamento de projetos e programas não são contemplados no conteúdo da folha. Pelo jornal, Rodrigo Cambará mostra-se interessado apenas em defender interesses próprios e impressionar os moradores, em especial Flora, a futura esposa. “Era bom viver, e a melhor maneira de provar a si mesmo e aos outros que estava vivo era amando e lutando. Imaginou o que Flora ia sentir quando lesse *A Farpa*” (VERISSIMO, 1956a, p. 343).⁸

Erico Verissimo afirma em seu livro de memórias que Rodrigo Cambará tem muitas características do pai, Sebastião Verissimo. Exceto a ambição política, exclusividade do personagem, ambos teriam em comum

[...] a sensualidade, o amor à vida, a bravura, a generosidade, a vaidade à flor da pele, a auto-indulgência e a mágica capacidade de fazer dos homens amigos fiéis até o sacrifício e das mulheres amantes apaixonadas. (VERISSIMO, 1995, p. 304)

8 A folha de Rodrigo segue o modelo definido por Luis Edmundo (apud Sodré, 1983, p. 323): “O jornal, na alvorada do século, ainda é a an mica, clor tica e inexpressiva gazeta da velha monarquia, uma coisa precária; ch , vaga, morna e trivial. Poucas páginas de texto, quatro ou oito. Apenas começa, geralmente, pelo artigo de fundo, um artigo de sobrecasaca, cartola e ‘pince-nez’, ar imponente e austero, mas rigorosamente vazio de opinião; espécie de ‘puzzle’ de flores de retórica, que folicul rios escrevem com o dicionário de sin nimos a um lado e um jogo de raspadeiras afiadas noutro, literatura cor-de-rosa e que os homens mais ou menos letrados do país sorvem, logo de manhã cedo [...]”.

Chiappini (2001, p. 108) observa que o protagonista parece inspirar-se no médico Fernando Abbott,⁹ que, em 1908, funda o jornal *O Democrata* durante a campanha de enfrentamento a Carlos Barbosa Gonçalves, candidato apoiado por Borges de Medeiros na eleição estadual e que acaba sendo eleito. As semelhanças são evidentes, considerando que na sociedade gaúcha os políticos usaram e abusaram da pena jornalística para levar sua mensagem aos correigionários e aos oposicionistas. O protagonista, além do papel de médico, burguês e herdeiro caudilho, representa um “jornalista” capaz de expressar os sentimentos de alguns habitantes de uma pequena cidade, microcosmos do Rio Grande do Sul.

Esse tipo de intelectual representado pela figura de Rodrigo Cambará – bem como na de Amintas Camacho – vai ao encontro da definição de Pesavento (1980, p. 62), quando diz que “os intelectuais vinculados a um bloco histórico dado constituem um grupo social que teoriza, torna coerente e difunde as ideias e os valores da classe dominante junto à massa da população”.

Como articulador da “rebelião” contra o governo republicano, Rodrigo Cambará procura demarcar sua posição de líder de um grupo, assim como Licurgo fez ao fundar o jornal *O Democrata* durante a campanha da abolição dos escravos e da implantação da República, temas do episódio “Ismália Caré”. Com a ajuda da folha, Licurgo chegara ao posto de intendente pelo PRR. Rodrigo, por sua vez, mantém a tradição da família e mais tarde também recebe sua recompensa, novamente ao lado do partido que a família ajudou a erguer. Afora os caprichos pessoais e a falta de uma ideologia¹⁰ consistente,

9 Destacado republicano, Fernando Abbott (1857-1924) assumiu por duas vezes interinamente o cargo de presidente do Rio Grande do Sul, em 1891 e 1892. Em atrito com Borges de Medeiros, deixa o PRR e em 1908 funda o Partido Republicano Democrático, pelo qual concorre como candidato de oposição na eleição que elegeu Carlos Barbosa Gonçalves.

10 Trabalha-se com o conceito de ideologia de Ricoeur (1977, p. 62), o qual diz que: “A ideologia é função da distância que separa a memória social de acontecimento que, no entanto, trata-se de repetir. Seu papel não é somente o de difundir a convicção para além do círculo dos pais fundadores, para convertê-la num credo de todo o grupo, mas também o de perpetuar a sua energia inicial para além do período de efervescência”.

baseada em discursos que não estão de acordo com as ações, o jovem procura no embate político pelo jornal um prestígio que não encontraria na lida campeira.

Sua tentativa inicial de exercer influência sobre a comunidade sofre um abalo com a resposta do coronel Trindade, publicada nas páginas de *A Voz da Serra*. O conteúdo do texto, intitulado “Sepulcro Caiado”, segue o mesmo estilo ferino do artigo publicado em *A Farpa*. A guerra está declarada.

De onde partem as pedradas traiçoeiras que pretendem atingir o honrado governo deste município? De alguma casa que não tem telhado de vidro? Não. Elas partem duma casa vulnerabilíssima, do Sobrado dos Cambarás, sepulcro caiado, mansão do vício, da iniquidade, da desídia e da podridão; duma casa que, para usarmos a imagem do grande Guerra Junqueiro, é sinistra e suja como o lençol das velhas prostitutas; duma casa cujo chefe, em vez de dar-se o respeito que se exige de todo o cidadão digno desse título, afronta nossa sociedade vivendo amancebado com uma mulher por ele teúda e manteúda, a quem instalou numa casa à Rua dos Farrapos, como é de todos sabido e notório. É lá que ele passa muitas de suas noites em orgias inconfessáveis. [...]

E agora que já demos ao pai o que ele merecia, vamos ao filho. Não gastaremos muita cera com tão ruim defunto. Que importância pode ter o Dr. Rodrigo Cambará (ai, doutor da mula ruça!) esse mocinho pelintra e seus dotes físicos? Ai, Rodriguinho! Onde foi que compraste tuas botinhas de cano de camurça? E as tuas águas-de-cheiro? Quem confeccionou essas roupinhas que te fazem o “dandy” mais completo de Santa Fé? Teria sido o Salomão Padilha, teu amiguinho particular? Dizem que trouxeste de Porto Alegre muitos caixões com bugigangas, e que entre estas veio um gramofone, com chapas de Caruso. Será que o grande tenor canta a famosa canção intitulada “Ismália Caré”? O estribilho é assim: Ai Licurgo Cambará / Ai Licurgo Cambaré / Onde está, onde estará / A tua Ismália Caré? Ouvimos também dizer que o “dandy” trouxe muitos vinhos e conservas estrangeiras. Decerto tudo isso é para as orgias do Sobrado, em que tomam parte ele, o pai, o irmão e outros cafajestes que infestam a nossa cidade. (VERISSIMO, 1956a, p. 245, grifos do original)

Surpreso com o teor dos insultos, Rodrigo fica magoado principalmente por ter sido tratado como um menino e pelos ataques à honra do pai.

Considerava-se inatacável e achava que poderia manter-se sereno frente à réplica dos republicanos, no entanto percebera que “a coisa chegara a um ponto em que tinha de passar do terreno da palavra escrita para o da reação física” (1956a, p. 372). Com autorização e incentivo de Licurgo, Rodrigo começa a trabalhar na resposta ao intendente, que resulta no artigo intitulado “Carta aberta a um crápula”. Antes de o jornal sair para a rua, porém, ele tem uma oportunidade de demonstrar sua valentia. Sua vontade de partir logo para o confronto corporal coincide com a chegada a Santa Fé do bandido Dente Seco, contratado pelo coronel Trindade justamente para provocá-lo. No primeiro encontro entre os dois, Rodrigo aplica uma surra no bandido, que fica inconsciente e é socorrido por terceiros.

Em meio a esse crescente ambiente de tensão, prestes a estourar em mais uma luta armada, Rodrigo Cambará recebe os conselhos do amigo Jairo Bittencourt. O militar tenta impedir que o médico continue publicando os artigos e argumenta que este tem o sentimento da justiça social, mas que lhe falta uma “base ideológica sólida” (1956a, p. 377). Bittencourt defende que a melhor orientação doutrinária está no positivismo e entrega a Rodrigo um volume do livro *Système de Politique Positive*, de Augusto Comte. Os apelos de Bittencourt não são suficientes para convencer Rodrigo a parar com as provocações. No dia seguinte, na saída da missa, os amigos de Rodrigo distribuem a segunda edição de *A Farpa*. Muitos, prevendo confusão, recusam-se a apanhar o exemplar e tratam de fugir do local. Os que aceitaram o jornal leram o seguinte:

Pústula: Quando Deus, num momento infeliz de mau humor, resolveu criar-te, viu logo que não eras digno dum ventre de mulher, e por isso te fez nascer numa cloaca, como produto do viscoso conúbio entre uma ameba disentérica e um verme recém-cevado no cadáver dum chacal. [...] És um aborto langanhento, e o simples fato de existires constitui um formidável insulto ao gênero humano. Pretendeste atingir com tua baba ofídica minha casa, minha família, minha pessoa, mas o que

fizeste, molusco, foi apenas cuspir para o céu: a podridão que jorrou de tua pena mercenária, caiu-te inteira e fedorenta nessa cara ridícula de funâmbulo. [...] Perguntas onde comprei as minhas botinas de camurça. Eu te direi, antes de mais nada, que as comprei com dinheiro limpo, honestamente ganho, e não com dinheiro sujo, roubado aos cofres públicos, como é o que te paga o Titi Trindade, teu patrão. E sabes para que as comprei? Foi para te aplicar um pontapé no traseiro na primeira oportunidade em que te encontrar, seja onde for, estejas com quem estiveres. Porque se a um macho se bate na cara, a um invertido se bate no rabo! (VERISSIMO, 1956a, p. 372-3, grifos do original)

Com mais esse ataque, a família Cambará consegue atrair a raiva do coronel Trindade, o qual promete invadir o Sobrado na noite daquele mesmo dia para empastelar a redação do jornal. Dispostos a enfrentar a ofensiva dos republicanos, os Cambará se preparam para o pior, com homens e armamentos. A situação revela, no entanto, que as feridas do passado ainda não estão curadas. Licurgo Cambará desafia os republicanos, mas isso não significa que esteja amarrado aos federalistas, antigos inimigos da Revolução Federalista. “– Somos inimigos e eu não posso me esquecer que ele já atirou contra esta casa. Não me falem mais nisso!” (VERISSIMO, 1956a, p. 403).

Rodrigo ainda era uma criança à época da revolução e não carrega o mesmo ódio em relação aos maragatos. Mais do que isso, vê uma oportunidade de conciliar interesses e reunir forças políticas em torno de sua causa. Afinal, os companheiros do passado agora ameaçam invadir o Sobrado, uma mostra de que na política as cores das bandeiras mudam conforme as vantagens do momento. Por intermédio de Rodrigo, alguns federalistas acabam reunindo-se ao grupo de voluntários no Sobrado, para o desgosto do pai. A mobilização não chega a ser necessária porque o coronel Bittencourt intercede em defesa da família Cambará, ordenando aos militares para defenderem o Sobrado. O esperado combate não acontece e, em Santa Fé, os militares confirmam estar ao lado dos civilistas.

Para Rodrigo, a primeira batalha foi vencida pelos Cambará, uma vez que o situacionismo foi atacado e o Exército ficou ao lado da oposição, “ao lado do direito, da razão, da justiça” (1956a, p. 411). O médico está satisfeito com o resultado da ofensiva de *A Farpa* porque com o jornal provou sua coragem. Decide, então, que, nas próximas edições, o jornal não será ofensivo, mas, sim, “puramente doutrinário”, a começar com uma saudação cordial ao candidato militarista durante sua visita a Santa Fé.

Bem-vindo, pois, seja o candidato oficial à cidade de Santa Fé, que saberá recebê-lo de braços abertos e com um sorriso amigo nos lábios, embora seu coração palpite de admiração e simpatia pelo candidato civilista, para o qual está reservado seus votos, no próximo e grandioso pleito de primeiro de março! (VERISSIMO, 1956a, p. 413, grifos do original)

Além de não trazer nenhum conteúdo doutrinário, como queria Rodrigo, o recuo de *A Farpa* não chega a constituir uma resolução segura de seu redator. Sem outra forma de combate, Rodrigo logo se arrepende de ter sido tão receptivo em seus boletins. Pensa que deveria ter mandado imprimir uma nova edição com frases anti-hermistas para distribuir às barbas do candidato oficial. Assim que o Marechal Hermes chega a Santa Fé, iniciam-se as solenidades e Rodrigo Cambará passa a ser tomado por certa inquietude. Queria aproveitar a ocasião para fazer alguma coisa, chamar a atenção do povo, mas não sabia exatamente como proceder. “Não se conformava com a ideia de não participar – fosse como fosse – daquele momento cívico” (VERISSIMO, 1956a, p. 416).

No fundo, os pensamentos de Rodrigo revelam suas verdadeiras ambições. O jovem gostaria de estar no comício, ser aplaudido e reconhecido como um homem influente, independentemente de o candidato ser militar ou civilista. Seus planos de grandeza, amadurecidos na época de residência e estudos em Porto Alegre, começam a ser colocados em prática por ocasião da eleição

de 1910. A campanha eleitoral para o candidato civilista fora apenas uma coincidência, visto que seu pai resolvera não mais apoiar os republicanos. Como o jovem não poderia ficar contra o pai, encontra na oportunidade de fazer oposição uma boa ocasião para impressionar os moradores, a família e a futura esposa.

Não se percebe nas motivações de Rodrigo Cambará qualquer diferenciação na estrutura social, seja de ordem social ou econômica, que explique a existência das contradições políticas em Santa Fé e justifique a sua sede de confrontar o comando local. Como o próprio narrador descreve, em Santa Fé

[...] havia homens ligados a qualquer dos dois grandes partidos estaduais por laços ideológicos; a maioria, porém, se deixava levar irracionalmente pelo fascínio mágico dum nome ou pela cor de um lenço: e por esses mitos era capaz de matar ou morrer. (VERISSIMO, 1956a, p. 203)

Rodrigo é o resultado do encontro desses dois tipos, pois embora não tenha um mito para defender, deixa-se levar pelo fascínio de um nome (Rui Barbosa) – como fora Júlio de Castilhos para Licurgo. Quanto aos laços ideológicos, o personagem procura mostrar que os têm, mas não são eles que guiam suas ações. A família posiciona-se contra o candidato apoiado pelo PRR, mas continua sendo castilhista, ao mesmo tempo em que Rodrigo contesta as teses positivistas do coronel Jairo – as mesmas que guiaram Júlio de Castilhos.

No plano geral do romance, os líderes da elite local são oriundos de uma mesma raiz, formada por fazendeiros abastados que dividem sua influência com os comerciantes mais fortes da cidade. Outros grupos, como os imigrantes, funcionários públicos, empregados do comércio ou estancieiros e comerciantes que possuem tradições de família, mas nenhuma fortuna, não chegam a constituir uma voz participativa no processo político de Santa Fé. Dessa forma, o que sobra para justificar as ações de Rodrigo Cambará é a

vontade de exhibir vaidade e valentia, atitudes que justificam o título do episódio de “Chantecler”, combinado ao desejo de poder.¹¹

A poucos dias da eleição, a saga do personagem em busca de votos para o candidato civilista passa do papel aos comícios. Embora Licurgo considere a propaganda por Rui Barbosa um desperdício de tempo e dinheiro, já que “estava convencido de que a eleição, como de costume, seria uma fraude e o candidato oficial sairia vitorioso por grande maioria de votos” (VERISSIMO, 1956a, p. 422), Rodrigo acompanha os democratas em excursões pelo interior. Nas colônias italianas e alemãs a receptividade aos correligionários civilistas é fria: com medo de perseguições e aumento de impostos, ninguém vota contra o governo. Decepcionado, o jovem aguarda o dia das eleições acompanhando pelos jornais as notícias de distúrbios ocorridos nas ruas de Porto Alegre, “onde civilistas e hermistas trocavam sopapos e bengaladas” (VERISSIMO, 1956a, p. 427).

No dia da eleição, com um revólver na cintura, Rodrigo trabalha como fiscal das mesas eleitorais. Testemunha a votação de um eleitor que se faz passar por um homem já morto, mas os seus protestos para os membros da mesa não surtem efeito. Em um dos distritos do interior, a morte de um integrante da família Macedo deflagra o início de um tumulto. A troca de tiros ocorre quando capangas do intendente tentam roubar a urna. Dois deles também morrem no confronto. O jornal *A Voz da Serra* interpreta o conflito como “uma cilada armada pelos mazorqueiros Macedos, que, vendo seu candidato derrotado, procuraram perturbar a ordem, não trepidando em ir até o assassinato” (VERISSIMO, 1956a, p. 436). O artigo do jornal enfurece os Macedo, que organizam um ataque ao jornal situacionista. Dessa vez Rodrigo controla o seu impulso caudilho e intercede para evitar uma desgraça maior, pedindo auxílio ao coronel Jairo Bittencourt.

¹¹ O título “Chantecler” refere-se à peça de teatro homônima, do dramaturgo francês Edmond Rostand. Encenada em Paris em 1910, a peça conta a história de um galo que acredita que o seu canto tem o poder de fazer o sol nascer. Rodrigo faz leituras entusiasmadas do texto dramático para os amigos, publicado na revista *L'illustration*.

Após esses incidentes, Rodrigo Cambará prepara um número especial de *A Farpa*, o qual vem a ser a última edição da folha partidária.

Sentou-se à mesa e redigiu um manifesto ao povo de sua terra, dando a verdadeira versão da “tragédia do terceiro distrito” e concitando os conterrâneos a reagir por todos os meios – primeiro pelos legais e depois, se falhassem estes, pelos ilegais – contra aquela situação vergonhosa que os aviltava, pondo em constante perigo a vida dos homens livres do município. Num outro artigo atacou o governo, que fraudara as eleições; acusou o Intendente e o Delegado de polícia, e lançou sobre o Amintas – “capacho imundo, escriba crapuloso” – uma nova rajada de insultos. (VERISSIMO, 1956a, p. 437)

As últimas notícias da eleição vêm dos resultados parciais publicados no *Correio do Povo*, cujos telegramas são desanimadores para os civilistas. Pelos informes do jornal, sabe-se que o marechal estava vitorioso na maioria das urnas e que Rui Barbosa lançara um manifesto, “afirmando que as eleições haviam sido feitas sob pressão do governo, à sombra da fraude: os heremitas subtraíam as atas ou as falsificavam” (VERISSIMO, 1956a, p. 448). O ímpeto de Rodrigo Cambará pela causa civilista, porém, arrefece logo após o fim das eleições. Quando os amigos pedem notícias do jornal, Rodrigo responde: “não morreu. Está apenas hibernando. No momento crítico reaparecerá” (VERISSIMO, 1956b, p. 25).

O silêncio por um cargo

Quando percebe a certeza da derrota de Rui Barbosa nas urnas, Rodrigo chega à conclusão de que “meter-se em política, seria não só perder tempo como também fazer papel de tolo” e que “não trocaria seu prestígio de médico pela posição do Trindade ou de qualquer deputado estadual ou federal”, afinal chegara a Santa Fé e lançara o desafio, “dando à canalha governista e ao povo de sua terra uma prova de hombridade” (VERISSIMO, 1956b, p. 26). Essa

convicção dura pouco, pois uma visita inesperada muda o rumo dos acontecimentos para o personagem.

Em fins de julho, o senador Pinheiro Machado chega a Santa Fé para uma visita. Após uma homenagem na câmara municipal, o homem forte do PRR, o “Chefe”, dirige-se ao Sobrado com o objetivo de acalmar os ânimos na localidade e recuperar o apoio da família Cambará. Rodrigo admite ser “fascinado” e “intrigado” por Pinheiro Machado, o qual, segundo ele, “parecia um singular ponto de encontro do campo com a cidade” (VERISSIMO, 1956b, p. 93), cuja expressão sugeria tanto “crueldade” como “ascetismo” e poderia ser de um “bandoleiro” como de um “profeta”. O diálogo entre os dois, acompanhado por Licurgo, é curto e cheio de sentido para o futuro político do jovem médico.

– O senhor, Dr. Rodrigo, um moço inteligente e de futuro, que é que está fazendo fora do partido?

– Senador, devo dizer-lhe com toda a sinceridade que nas últimas eleições não só permaneci fora do partido como também...

Pinheiro Machado cortou-lhe a frase com um gesto.

– Eu sei, eu sei... Estou a par de todas as suas atividades. Vi o seu jornal, li os seus artigos.

Rodrigo sentiu-se diante de Malvina Travassos, professora pública, na hora negra da palmatória.

– O senhor pertence a uma antiga família republicana. Nesta hora, qualquer divisão do partido só poderá ajudar nossos inimigos. Aliás, todo o seu esforço ficou perdido... [...]

Em vão Rodrigo se esforçava por combater o sentimento de culpa que o desconcertava e inibia. Tomara as palavras do visitante como uma repreensão paternal. [...]

– Afinal de contas – animou-se Rodrigo a perguntar – que é que o senhor propõe?

– Que cessem duma vez por todas esses ataques mútuos, que não dispersem forças, que não percam tempo com essas tricas municipais. Já bastam os inimigos que o Rio Grande tem fora daqui!

- Mas voltar atrás seria uma desmoralização...
- Quanto tempo faz que seu jornal não aparece?
- Uns meses...
- Pois então? Ninguém obriga o senhor a continuar. Fique quieto por uns tempos. O Trindade me garantiu que *A Voz* já cessou por completo os ataques. É ou não é verdade? (VERISSIMO, 1956b, p. 96-7)

Após comparar a atividade do político à do médico, nas quais é “muito difícil fazer sempre o bem ao povo sem nunca causar-lhe algum mal”, o senador prossegue no seu intento de sedução. Convida o jovem para acompanhá-lo à casa de Joca Prates, um dos chefes republicanos locais. Com uma exaltada sensação de orgulho, Rodrigo sai a caminhar ao lado do senador pela rua do Comércio, cena vista por todos com espanto e admiração, quando ouve deste:

- Vou conversar com o Dr. Borges de Medeiros a teu respeito – prometeu o Senador.
- Vejo em ti um bom corte de deputado. É só questão de tempo. Estás ainda muito moço. Mas... digamos, daqui a uns quatro ou cinco anos, quem sabe? Deixa que esses petiços de fôlego curto fiquem correndo carreira nestas canchas municipais. Tu és parreheiro que merece tomar parte em páreos mais importantes.

Está tentando me subornar – refletiu Rodrigo – está me acenando com uma deputação...

Não sabia se devia indignar-se ou envaidecer-se ante aquelas palavras. Amanhã poderia fazer o que bem lhe aprouvesse: ressuscitar *A Farpa*, romper fogo de novo contra a situação, atacar o próprio Pinheiro Machado... (esta ideia lhe dava uma reconfortante sensação de força, por mais improvável que parecesse). Agora, porém, ele, Rodrigo Cambará, simplesmente se entregava ao esquisito prazer de ser cortejado por uma figura do porte do “Condestável da República”. (VERISSIMO, 1956b, p. 99)

Nos meses seguintes, de fato, Rodrigo segue os conselhos de Pinheiro Machado. Deixa a política e o jornal de lado e passa a se dedicar exclusivamente ao consultório, confundindo a função de médico com a de “pai dos

pobres”¹². Atende de graça os doentes da Sibéria e do Purgatório, os bairros mais miseráveis da periferia da cidade, e distribui remédios sem cobrar nada. Aos poucos assume em Santa Fé a função de conselheiro, fornecendo soluções para os problemas pessoais dos pacientes, exatamente da mesma maneira que os coronéis costumam agir nessas comunidades. As ações sociais voluntárias do personagem levam Amintas Camacho a publicar editoriais que insinuam elogios ao médico no *A Voz da Serra*, ensaiando um início de reaproximação da ala republicana com a família Cambará. A folha trata discretamente sobre “a distribuição de gêneros alimentícios, roupas e cobertores à pobreza, por iniciativa dum jovem e prestigioso conterrâneo, cujo nome deixamos de mencionar para não lhe ferir a reconhecida modéstia” (VERISSIMO, 1956b, p. 107-8, grifos do original).

O aparente desinteresse de Rodrigo pela política, embora ele não admita, tem relação direta com o pedido pessoal de Pinheiro Machado. Em novembro, por ocasião da posse de Hermes da Fonseca, e, posteriormente, da Revolta da Chibata, a 22 de novembro, Rodrigo volta às páginas dos jornais de Porto Alegre para acompanhar os últimos acontecimentos. Os detalhes sobre a rebelião dos marinheiros, que pediam, entre outras coisas, o fim dos castigos físicos aplicados aos graduados da Marinha, são repassados pelo coronel Jairo. Empolgado com a possibilidade de o marechal renunciar ao cargo, Rodrigo fica angustiado com a falta de notícias nos dias seguintes.

No dia 26 Rodrigo foi pessoalmente à estação comprar o *Correio do Povo* que vinha no trem de Santa Maria. Abriu o jornal. Já estava uma página inteira de telegramas sobre a revolta da armada. Pôs-se a ler as notícias com a sofreguidão de quem devora uma novela de aventuras. Mas já dois dos subtítulos o deixaram gelado: *A Anistia – Terminação da Revolta*. Sim, vinham ao pé da página notícias decepcionantes. O Senado apressara-se a conceder a anistia aos revoltosos, e o presidente da República não se opusera à vontade dos senadores. Os rebeldes se haviam rendido.

12 Já apontou a crítica que são muitas as semelhanças entre a história de Rodrigo e a do próprio Getúlio Vargas, que era conhecido como “pai dos pobres”.

“Nesse momento os navios “Minas Gerais”, “São Paulo”, “Bahia” e “Deodoro” acabam de arriar o sinal de guerra, hasteando bandeiras brancas e salvando a terra com 21 tiros”. (VERISSIMO, 1956b, p. 135, grifos do original)

Na verdade, a notícia do fim da revolta dos marinheiros foi publicada no *Correio do Povo* na edição de 27 de novembro e não do dia 26, como informa o narrador.¹³ De qualquer forma, o interesse do protagonista, nesse momento, restringe-se à leitura do *Correio do Povo* e não mais sobre as edições de *A Farpa*. Rodrigo troca a ação política em Santa Fé por um cargo de deputado em Porto Alegre, cujas atividades são narradas no episódio “O deputado”.

Conclusões

Trindade (1979, p. 121) aponta que a literatura historiográfica, em geral, enfatiza dois tipos de explicação para se interpretar a dicotomização das forças políticas no Rio Grande do Sul e sua expressão por meio de diferentes estruturas partidárias. Uma delas procura justificar a divisão em termos de conflitos entre lideranças e de disputa pessoal pelo poder, enquanto outra acentua a existência de diferenciações na estrutura social que se manifestariam em contradições políticas, valorizando a articulação entre os conflitos políticos e seu embasamento social-econômico.

Transpondo essa leitura para a perspectiva da ficção configurada em *O retrato*, observa-se que o *Leitmotiv* que expressa a divisão de forças políticas no Rio Grande do Sul é claramente a disputa pessoal pelo poder. O jornal,

13 Este é o trecho: “Sucessos do Rio – O espírito público, continuou, ontem, preocupado com os graves sucessos, que há quatro dias vinham se desenrolando na baía do Rio de Janeiro, em consequência da revolta da marinhagem de alguns dos mais poderosos navios da nossa esquadra. Felizmente, à noite, cessou esse estado de inquietação geral com a divulgação do seguinte telegrama, recebido, da capital da República, pelo dr. Ildefonso Fontoura, chefe do 1º Distrito Telegraphico: ‘Neste momento (7 horas da noite), os navios Minas Gerais, S. Paulo, Bahia e Deodoro acabam de arriar o sinal de guerra, hasteando bandeiras brancas e salvando a terra com 21 tiros’”. (SUCESSOS, 1910, p. 2)

fictício (imaginado) ou “real”, como parte fundamental da estrutura partidária, é uma das ferramentas para fazer prevalecer uma vontade sobre outra. O combustível que move a ação dos protagonistas vem do desejo de conquistar uma posição de prestígio no extrato social, mas não na atividade pecuária nem na medicina. É a possibilidade de ascensão política e social que explica as ações dos Cambará, não havendo na narrativa uma abordagem em torno de diferenciações na estrutura socioeconômica para explicar as contradições políticas. Essas, se existem, ficam subentendidas e não fornecem elementos suficientes para uma tentativa de análise, salvo suposições não ancoradas na materialidade narrativa. A ascensão e a queda da família (burguesa) Cambará estão associadas à ambição pelo poder, cujos passos nesse sentido são acompanhados pelo conteúdo jornalístico, ora nas notícias vindas de longe ora na produção noticiosa local.

Nesse contexto histórico, os políticos da História são personagens da ficção e os personagens fictícios também fazem a História, interagindo como receptores dos acontecimentos ocorridos na capital federal ou na capital do Estado, refletindo-os na comunidade local a partir da escrita ou leitura de jornais. Esses eventos chegam a Santa Fé pela imprensa e acabam amarrando os destinos dos personagens ao fazer jornalístico, amenizando a rudeza do tradicionalista gaúcho com uma certa inserção no universo letrado, mostrando que quem controla a palavra escrita tem mais força política. Isso não aponta necessariamente para a existência de um canal de discussão, liberdade de expressão ou direito à participação política do homem comum no limiar do século XX. Muito pelo contrário, a representação literária do cenário político e social desse período deixa evidente a manutenção de velhas práticas típicas do patriarcado caudilho, em que o poder deve ser conquistado pela força do grito, da arma e do jornal partidário.

Por isso, para melhor compreender o sentido das ações políticas da família Cambará, é preciso acompanhar todos os seus movimentos e justificativas, desde o surgimento do movimento republicano e abolicionista, em

“Ismália Caré”, até o fim do Estado Novo, com a deposição de Getúlio Vargas e a conseqüente morte de Rodrigo Cambará, em “Reunião de família” e “Encruzilhada”. Nesse período representado, jornais e revistas serão empregados sempre que necessário para fortalecer a verossimilhança da interlocução dos personagens do romance.

ALVES, Marcio Miranda. The newspaper *A Farpa* in the political context of *O Retrato*, by Erico Verissimo. **Revista do Gel**, v. 11, n. 2, p. 117-144, 2014.

ABSTRACT: *Starting from the assumption that the political fight is at the center of the historic axis of O tempo e o vento, I analyze the participation of the fictional newspaper A Farpa in the context of political disputes in O retrato, the second part of Erico Verissimo's trilogy. Founded by the character Rodrigo Cambará to promote the campaign of the civilian candidate Rui Barbosa in the presidential elections of 1910, A Farpa is an important weapon in the hands of a young man searching for power. In addition to an analysis of the literary representation of socio-political conflicts in Rio Grande do Sul and in Brazil in the early twentieth century, this reflection also aims to highlight the participation of the materiality of newspapers - real or imaginary - in the process of literary creation.*

KEYWORDS: *Political press. Brazilian literature. Erico Verissimo. History.*

Referências

BARBOSA, Rui. Discurso proferido pelo senador Ruy Barbosa, em resposta ao orador que o saudou, por ocasião de sua visita, em 18 de dezembro findo, à Faculdade de Direito de S. Paulo. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 1, 20 jan. 1910.

BORDINI, Maria da Glória. Um burguês na coxilha: o paradoxo de *O Retrato*. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento:** história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 103-119.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto; Universidade de São Paulo, 1988.

CARONE, Edgar. **A República Velha I: instituições e classes sociais**. 3. ed. São Paulo: Difel, 1975.

CHIAPPINI, Ligia. Campo e cidade no retrato. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. **Erico Verissimo: o romance da história**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 103-121.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa caricata no Rio Grande do Sul no século XIX**. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

FRESNOT, Daniel. **O pensamento político de Erico Verissimo**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 60-88.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SUCESSOS do Rio. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 2, 27 nov. 1910.

TRINDADE, Héglio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 119-191.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento II**. O retrato. Porto Alegre: Globo, 1956a. v. 1.

_____. **O tempo e o vento II**. O retrato. Porto Alegre: Globo, 1956b. v. 2.

_____. **Solo de clarineta**. 20. ed. Porto Alegre: Globo, 1995. v. 1.